

OS MEUS PASSEIOS

1

Quem se meter a estudar devidamente as instituições burguesas, entre nós, não poderá esquecer as filarmónicas. Não é a rir que o escrevo. Tenho a cara mais séria. As filarmónicas, é assim mesmo, amigos.

Lembro-me de filarmónicas na capital do país, quasi de importância igual à que tem ainda hoje nas cidades da provincia. E não sou velho. Mas ponhamos de parte Lisboa e mais duas ou três cidades; no resto do país as chamadas filarmónicas são um instituto assaz valioso da história burguesa. Nasceram com o liberalismo, pois a maioria delas conta entre cinquenta e cem anos, e pela mão do liberalismo rotativista se enraizaram a ponto de serem actualmente baluarte da nacionalidade. Não exagero, infelizmente!

Lembre-se cada qual do que elas representam na vida das

nossas terras (porque quasi todos somos provincianos!), do que elas absorvem material e espiritualmente da colectividade, das dedicações que reúnem e consomem, das virtudes políticas que desperdiçam, da influencia pedagógica (péssima pedagogia, mas pedagogia) e da acção que exercem na juventude. O desporto não as desbancou ultimamente, como há tempo as não desbancou a aura bombástica. Tem por si a melhor tradição, a rotina que nos está na massa do sangue, o baixo nível mental, os vícios do carácter provinciano, a tacañhês aldeã. Tem de seu lado o que ainda é a maior força nacional: a dos espectros. Não sofrem reforma nem melhoramento, para não fugirem da regra geral, entre nós.

Com o rotativismo dos «cominos» tempos, cada terra teve as suas duas filarmónicas: regeneradora e progressista. Veio depois o bacalhau a pataco e mantiveram-se, já um tanto em crise, porque os caciques deixaram ge-

ralmente de ser os grandes duques para serem os meros baronetes e viscondes. Além disso, estes eram mais agarrados às notas (quadrilhas por satisfazer). Hoje em dia, melhor ou pior, vão subsistindo. Mas não apareceu ainda nada mais importante e característico na vida colectiva aí pela provincia fóra, do que estas estereis e mediocres lutas musicais do «alecrim e da mangerona». Auténtico instituto burguês que luminosamente exemplifica a respectiva civilização ou época.

Esta é mais uma coisa que terá de ser transformada radicalmente, num belo e próximo dia, pela juventude. Vê-rão então a poder e dever chamar-se filarmónicas. Entretanto o que são é desharmonicas e de maus latões porque nas suas pobres partituras predomina a pancadaria onde devia haver pianíssimos, e demasiados planos quando falta pancadaria. Especialmente timbales!

2

Os moralistas da minha aldeia andam justamente escandalizados. Nada menos de quatro raparigas fugiram de casa dos pais ou donde estavam servindo para a companhia dos namorados. Isto, dum dia para o outro, o que é na verdade alarmante! E mais, e muito pior, é que depois deste escândalo social, para os honrados homens-bons da minha terra, provocado por algumas das suas boas-mulheres;—muito mais grave é que já depois disso duas outras moças fizeram idênticos casamentos à porta do açougue. Não bastava o indevido uso da flor de laranjeira, descaradamente evidente em certos casos, que por aí estão fazendo pobres e ricos, para alarmar muito justamente os invejosos moralistas de mais de cinquenta anos, ou simples vestais dos bons

(Continua na página quinze)

(Continuação da página anterior)

francesa e a filosofia alemã, encontraram as relações profundas da História nas inter-acções do homem e do ambiente que ele transforma e que, por sua vez, o influencia.

As ideias não são mais do que o produto da reacção da sua maneira de ser, da sua organização físico-psicológica, com o ambiente económico-social. E' o *materialismo histórico*, aplicação da dialéctica à história, que não procura impor moldes à realidade nem dar uma tradução simplista, parcial, unilateral da realidade, mas apreendê-la na sua complexidade total e, conhecidas as leis do seu desenvolvimento, transformá-la, harmonizando as formas, a organização, com a estrutura económica e física.

Da exposição que fizemos, conclui-se que S. H., restringindo o domínio da dialéctica à Sociologia a limita ilícita e artificialmente quebrando a unidade dialéctica do conhecimento cujo progresso, como vimos, consiste em estabelecer inter-relações cada vez mais apertadas entre os elementos da realidade total.

Mas analisemos com mais cuidado as afirmações de S. H.

A falta de consistência dos seus raciocínios provém de 2 factores de diversa ordem:

1.º—Aplica a palavra *dialéctica* apenas a fenómenos de natureza económico-social.

2.º—Identifica a Dialéctica e a ciência dos fenómenos económico-sociais; quer dizer, chama Dialéctica à ciência dos fenómenos económico-sociais.

O 1.º é convencional, de natureza histórica. Como o termo *dialéctica* foi primeiramente aplicado aos fenómenos económico-sociais, Hook não aceita a generalização feita posteriormente, a todos os fenómenos naturais.

O 2.º é de natureza essencial. Com efeito Hook emprega a expressão *dialéctica* umas vezes atribuindo-lhe o valor de *método*, outras vezes o valor de *ciência*.

Isto é duma importância capital. De facto não podemos falar duma Ciência Social chamada *dialéctica*, mas sim duma Sociologia Dialéctica, quer dizer, duma Ciência construída pela aplicação do *método dialéctico*, o que é essencialmente diferente. E' claro que um método já é uma ciência—ciência orientadora da acção prática. Se encarmos assim o problema, notamos que não se trata de impor ou aplicar a dialéctica à natureza, nem de justificar as transformações sociais pelo que se passa na natureza—o que seria idealismo—mas apenas de verificar que a natureza nos seus fenómenos

é dialéctica, quer dizer, que os corpos não estão isolados uns dos outros nem os poderes imaginar isolados, que agem uns sobre os outros—o que é uma atitude materialista, realista.

Portanto, não se diz de maneira nenhuma que a *natureza* é um exemplo ou illustração da *dialéctica*, mas que a *dialéctica* traduz o que realmente se passa na natureza. Vemos pois que não é um mal o facto de praticamente todo o conhecimento cair dentro do seu raio de acção, pois isso significa apenas que na *Realidade* não há compartimentos isolados, quer dizer, que a natureza influi sobre as sociedades, as sociedades sobre a natureza, ambas sobre o conhecimento dos homens, e o conhecimento dos homens sobre ambas. A própria sociedade emerge da natureza (tese fundamental do materialismo).

Mas isto não significa que seja lícito generalizar a dialéctica a todos os campos. Nem todo o conhecimento é dialéctico, entra o aparecimento de todo o conhecimento seja explicável dialécticamente. Por exemplo, a Metafísica não é um conhecimento dialéctico (não exprime relações reais) mas é explicável dialécticamente por causas psicológicas, económicas e sociais.

Plekhanov não tem também razão quando diz que a transição de 9 para 10 na contagem é um exemplo da dialéctica. Com efeito os números são abstracções da inteligência humana (querer dizer, são privados de toda e qualquer qualidade sensível), que formam concessões cujos termos, por definição, não têm acção nenhuma uns sobre os outros.

Quando dizemos que as relações na natureza são dialécticas, não pretendemos justificar a acção ou os fenómenos sociais pelo que se passa na natureza, pois sabemos que são campos diferentes, se bem que não sejam independentes.

Estudamos tanto os fenómenos da matéria inorgânica e orgânica como os fenómenos sociais a luz do mesmo método, o que não quer dizer que os identifiquemos ou confundamos, pois os elementos que a realidade nos fornece para esse estudo são diferentes. No estudo dos fenómenos sociais aparece-nos um novo termo—a consciência dos homens—que orienta a sua acção, modifica por completo o encadeamento das relações e nos permite distinguir entre um fenómeno social e um fenómeno não social.

Em conclusão a *natureza é dialéctica*, como são dialécticos os processos de desenvolvimento do pensamento humano e da sociedade.